

Luiz Francisco Rebello

Teatro de Intervenção

5 peças e 1 prólogo

ec
editorial
CAMINHO

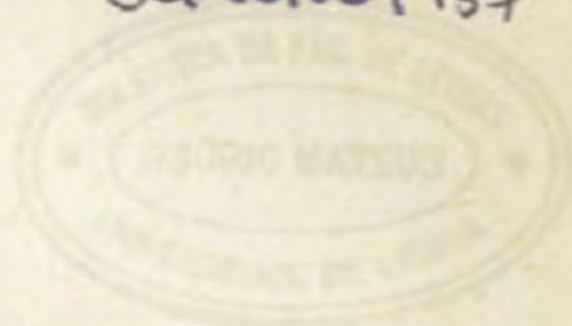


letras



Luiz Francisco Rebello

ufw 1937



Teatro de Intervenção

O Mundo	5 Peças e 1 Prólogo	13
O Dia Seguinte		41
O Fim na Última Página		53
A Vista de Sua Excelência		109
Prólogo Alentejano		141
A Lei é a Lei		157

editorial
CAMINHO



letras

Luiz Francisco Rebello
O Dia Seguinte, Angola
O Dia Seguinte, Angola
O Dia Seguinte, Angola
O Dia Seguinte, Angola
O Dia Seguinte, Angola
O Dia Seguinte, Angola
O Dia Seguinte, Angola
O Dia Seguinte, Angola
O Dia Seguinte, Angola
O Dia Seguinte, Angola

Teatro de Intervenção

Teatro Moderno: Comédias e Alegorias, 1957; 2.ª ed., 1965.
Teatro Português e Psicologia (introdução e antologia), 1960.
Imagem do Teatro Contemporâneo, 1961.
O João da Câmara e as Comédias do Teatro Português, 1962.
História do Teatro Português, 1963; 2.ª ed., 1972; tradução espanhola, 1969.
O João das Maravilhas, 1971.
Os Autores das Gêneros do Gil Vicente (introdução, edição do texto e notas), 1973; 2.ª ed., 1975; 3.ª ed., 1977.
Cenas sobre a Revolução Portuguesa (com Luís Adolpho), 1976.
Combate por Um Teatro de Combate, 1977.
O Primeiro Teatro Português, 1977.

Título: Teatro de Intervenção

Autor: Luiz Francisco Rebello

© Editorial Caminho, SARL
Lisboa, 1978

Capa e arranjo gráfico: José Araújo

Revisão tipográfica: João Loureiro

N.º de edição: 4/78 $\frac{33 (115.500)}{14.000}$

Composição e impressão: Guide-Artes Gráficas, Lda.

Tiragem: 3500 exemplares

Data de impressão: 16 de Janeiro de 1978

a lei é a lei

polimonodrama

Personagens:

O AGENTE
O PRESO
O IRMÃO
A MULHER
O AMANTE
TRÊS JUÍZES (manequins articulados)

} (figurantes)

Este monodrama, que representa a contribuição pessoal do autor para o espectáculo colectivo *Ao Qu' Isto Chegou!*, estreado pelo grupo A Barraca, sob a direcção de Augusto Boal, em 12 de Dezembro de 1977, foi escrito em Junho desse ano.

Personagens:

- | | | |
|--------------------------|---|-------------|
| (figurantes) | } | O AGENTE |
| | | O PRESO |
| | | O IRMÃO |
| | | A MULHER |
| | | O AMANTE |
| (magníficos articulados) | | TRÊS JUÍZES |

Este monodrama, que representa a contribuição pessoal do autor para o espectáculo colectivo *Ao Qu' Isto Chegou!*, estreado pelo grupo A Barraca, sob a direcção de Augusto Boal, em 12 de Dezembro de 1977, foi escrito em Junho desse ano.

(Escuridão total.

Como se viesse de muito longe, um fio de música começa a crescer, quebra-se em dissonâncias e estala de repente num grito rouco que é quase um uivo.

Brutalmente, a luz acende-se à extrema esquerda sobre um homem que outro agride com uma matraca que tira do bolso interior do casaco. O agredido, de camisa rasgada, os cabelos empapados de suor, cai por terra. Ofegante, o agressor dá-lhe um pontapé, guarda a matraca no bolso, passa uma mão pelos cabelos, dá uns passos em direcção ao centro do palco e aí se deixa ficar olhando em frente, enquanto um foco vai iluminar ao fundo três manequins grotescos, articulados por cordéis, que representam três juizes. Os manequins gesticulam, apontam alternadamente o agredido e o agressor, mas não se ouve o que dizem.

A luz baixa em resistência sobre o homem caído no chão e os três juizes, deixando-os na penumbra (sem contudo ficarem invisíveis), e mantém-se viva sobre o agressor, que começa a falar nervosamente, em frases sincopadas, procurando controlar-se, o que nem sempre consegue.)

O AGENTE — É mentira, senhor presidente. É mentira, senhores juizes. Juro! Eu nunca... Eu nunca fiz mal a ninguém. Desde pequenino...

(Riso nervoso.)

As moscas, por exemplo. Agarravam-nas, punham-lhes rabos de papel, elas caíam com o peso. Os outros miúdos, eu não. Até se metiam comigo! Chamavam-me medricas. Queria lá saber!

Sempre fui contra a violência. Estão aí pessoas que podem dizê-lo. Gente lá da aldeia, que me conhece desde miúdo. Gente que nunca se meteu em políticas, que nunca quis saber dessas coisas.

Até a minha mulher, se ela quisesse. (*«Flash» rápido da mulher a ser abraçada e beijada por outro homem.*)

Um domingo, ou durante umas férias talvez, não sei, não me lembro bem. Em Espanha. Não, não foi em Espanha, em Espanha foi doutra vez. O carro apanhou o cão em cheio, ele ficou no meio da estrada a ganir, a espernear. E eu agarrado ao volante. Sem conseguir avançar. Ossos partidos, sangue espalhado... De repente deixou de ganir, ficou quieto, torcido como um novelo.

(Gritando.) Foi sem querer, senhor juiz! Juro que foi sem querer! Se eu até nem as moscas...

A minha mulher sacudiu-me. «Credo, homem, nem que fosse uma pessoa! Agora um animal, que importância tem?»

(Volta-se bruscamente para o homem caído no chão, que o foco ilumina agora.) Animais! Piores do que animais! É o que vocês são! Todos! Animais, porcos comunistas de merda! Julgas-te muito forte, não é? Mas a gente dá-te cabo da valentia. Hás-de falar, queiras ou não queiras. Ainda não saiu daqui ninguém a rir-se de nós. Temos processos para te convencer. Ou para te obrigar, se for preciso. A ti e aos outros. Corja de sacanas! *(Dá-lhe um pontapé, a luz diminui.)*

(Ao centro, noutra tom enquanto a luz sobe iluminando os juizes que gesticulam.) Segundo dactilógrafo, senhor presidente. Serviço de expediente: cartas, relatórios, ofícios... Torturas?

Não, senhor presidente, não, senhores juizes, nunca ouvi falar nisso. Eram eles, eram os comunistas que inventavam essas coisas.

E os advogados!

Os advogados ainda eram piores do que eles às vezes. Propaganda. Especulação. Agitação política.

Isto é o que eu ouvia por lá dizer.

A quem?

Aos outros, aos colegas das brigadas de investigação. Que eu nunca fui destacado para esses serviços.

E diziam mais coisas. Que alguns até se feriam de propósito, batiam com a cabeça nas paredes, eu sei lá... Para depois se queixarem, para fingirem que a gente os maltratava. Tudo propaganda, agitação política, o senhor juiz está a perceber?

Era o partido que mandava, e eles obedeciam.

Cegamente.

Como cães.

(Em tom subitamente exaltado.) O cão atravessou-se na estrada, de repente. Quem é que podia contar com uma coisa daquelas? Ainda travei, mas já não foi a tempo. Em cheio! Apanhei-o mesmo em cheio. Um minuto mais tarde, um minuto mais cedo, e tinha escapado.

(Luz sobre o preso.)

Não escapas! Desta não escapas! Da outra vez tiveste sorte, ninguém te conseguiu arrancar nada, mas agora hás-de deitar tudo cá para fora. Se não for hoje é amanhã, é daqui a oito dias, ou duas semanas, ou um mês. O tempo que for preciso.

Não temos pressa.

(Fúria.) Mas quanto mais depressa, melhor para ti! Se queres sair daqui inteiro. Com os ossos todos no seu lugar.

(O preso continua sem dar acordo de si. Luz sobre os juizes. Mudança de tom.)

Quando acabei a tropa, senhor presidente. Lá na terra não havia trabalho. Foram tempos difíceis... Éramos cinco irmãos. Dois abalaram para França, ou para a Alemanha, por lá casaram e deixaram-se ficar. O mais novo morreu em África, a defender o que era nosso. Cumpriu o seu dever. Um português de lei! O outro...

(«Flash» rápido sobre o irmão, que aparece ao fundo, à esquerda.) O outro...

(Aparece a mulher à direita.)

Não chega, não chega! Que o dinheiro não chega sei eu. Não preciso que mo digas.

Tinha-me casado antes de assentar praça. Coisas de rapaz... Adiantei-me, e não tive outro remédio. Fui sempre um homem de honra. O dever acima de tudo.

(Para a mulher.) Ou queres que o vá roubar?!

(Os juízes gesticulam.)

Nessa altura já não era fácil arranjar trabalho. Em 66 ou 67, não me lembro bem. Ainda o doutor Salazar não tinha caído da cadeira abaixo. Ah, se ele hoje fosse vivo!...

Sim, já tinha um filho. E a mulher outra vez grávida. Havia de ficar de braços cruzados, à espera de que um emprego me caísse do céu?!

Trago aí testemunhas que não me deixam mentir. E entreguei uns atestados ao meu advogado...

Chefes de família como eu não deve haver muitos, senhor presidente. O que todos eles querem é andar na borga, metidos com pegas, na boa-vai-ela, que esta vida são dois dias! Depois desculpam-se com o serviço, e a mulher e os filhos que se lixem.

(Dirigindo-se à mulher.) Já te disse: hoje à noite estou de serviço. Tocou-me a escala. Julgas que me vou

divertir? Se bebo de mais, é comigo. Sabes que mais? Não tenho satisfações a dar-te. Mete-te na tua vida!

(A luz diminui sobre a mulher e cresce sobre o preso, que continua caído no chão.)

Vamos continuar assim a noite inteira?

Se tu és teimoso, olha que eu ainda sou mais. Dizes o que a gente precisa de saber, e pronto. Acaba-se com isto. Já.

Não vês que essa tua atitude não leva a coisa nenhuma? Que é uma estupidez da tua parte julgares-te mais forte do que nós? A gente tem processos de saber tudo. É só uma questão de tempo. E quanto mais demorar, pior para ti.

(Tira um papel do bolso e lê.) Respondes a duas ou três perguntas e deixamos-te em paz. Desde quando voltaste ao partido, quem te aliciou e qual era a tua quotização; que pseudónimo usavas, com quem te reunias e onde.

É simples, como vês. O chefe acrescentou aqui neste papel ainda outra coisa, mas isso fica para depois. Se tiveres juízo talvez não venha a ser preciso.

Não falas?!

Queres armar em herói, não é? Para brilhares aos olhos dos teus camaradas, que neste momento já se estão borbifando para ti? Ou da tua mulher, que se calhar até agradece que te deixes ficar por cá... Assim pode fornicar mais à vontade, que é o que elas fazem todas. Umas porcas! Umas putas! Todas!

Todas menos a minha.

(Luz sobre a mulher, que começa a despir-se. Reaparece o amante, que já víramos num «flash» anterior. Sugestão de cena erótica entre os dois.)

Sim, senhor presidente, é verdade. Separámo-nos. Quando fui preso já estávamos separados. Coisas da vida.

Nunca lhe faltei com coisa nenhuma. Nem ela me faltou nunca ao respeito. Mas éramos os dois muito